

Administrador vai regularizar Feira do Rolo

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Nehil Hamilton 11.7.99

Eterno palco de confusões, blitz, prisões, venda irregular de animais silvestres e bebidas alcóolicas, a polêmica e — por que não? — folclórica Feira do Rolo, em Ceilândia Sul, periga sair da clandestinidade e tornar-se, digamos, um espaço regularizado. Ou, pelo menos, um lugar onde as pessoas possam conhecer a procedência dos produtos comprados e não suspeitos de roubo ou contrabando (aspectos que acabaram tornando a feira conhecida em toda a região).

É que o administrador regional da cidade Eduardo Gomes da Silva resolveu, finalmente, fazer algo para melhorar a imagem da feira que ficou mais vazia em julho do ano passado, quando fiscais da Secretaria de Segurança encheram três caminhões de mercadorias. Um pouco antes, em maio, 350 policiais recolheram, na maior operação realizada no lugar, 200 pássaros, um jabuti, 77 bicicletas e 210 objetos, lotando as carrocerias de cinco caminhões e a 15ª Delegacia de Polícia, onde foram parar 32 pessoas.

“Se depender de mim, esse tipo de coisa não vai mais acontecer”, promete o administrador, que até conseguiu unir as duas associações que dividem o espaço da Feira do Rolo: a Associação da Feira do Povo e a Associação dos Feirantes de Novos e Usados da Ceilândia. Juntas, as três entidades pretendem regularizar a feira — e não o rolo — em, no máximo, três meses.

Mas como esse milagre será feito? “Simples”, responde o administrador de Ceilândia. “Vamos fechar a feira com alambrado, dar crachás e jalecos para identificar os comerciantes, e construir bancas para as mercadorias”, diz Eduardo Gomes sobre a feira entre a Academia de Polícia e a administração regional e que vai se chamar simplesmente Feira da Ceilândia Sul.

A secretaria de finanças da administração também vai expedir um documento sem valor fiscal para identificar a origem do produto. E os sócios das associações que se negarem a dizer onde compraram a mercadoria não vão trabalhar na feira que terá, no início, 440 bancas. “O cadastro é dinâmico e regulado pelo mercado. Não adianta colocar mil barracas e não ter o que vender. E o vendedor cadastrado não vai permitir o trabalho de um não cadastrado”, acredita o administrador.

Da mesma forma pensam Maurício Gomide, 49 anos, e Isaías de Castro Dourado, 34, respectivamente presidente da Associação dos Novos e Usados de Ceilândia e tesoureiro da Associação dos Comerciantes da Feira do Povo de Ceilândia Sul. “A Feira do Rolo é outra coisa. Essas pessoas insistem em trabalhar perto da gente. E ganhamos a má fama”, reclama Maurício.



Uma das providências que serão tomadas pela administração da Ceilândia é exigir dos feirantes a identificação da origem dos produtos

cio, a respeito do troca-troca mais conhecido do DF. Principalmente pela fama de objetos roubados vendidos quase de graça. Calotas, peças de carros, televisores, bicicletas, armas, animais silvestres.

“A regularização vai melhorar a imagem da feira. Vamos mudar a imagem negativa. Nunca trabalhamos com pessoas problemáticas que vendem mercadorias sem nota fiscal”, diz o presidente dos Novos e Usados, feirante há mais de 15 anos. E que tem 168 cadastrados em sua associação.

Número inferior ao de comer-

ciantes cadastrados — 272 — da associação cujo tesoureiro é Isaías Dourado. São pessoas que vendem de tudo. Ferragens, sapatos, verduras, confecções e carne — mesmo com a administração teimando em dar alvará de funcionamento para os “açougueiros” pelo fato da carne ficar em bancas sem freezers ou câmaras frias.

“Mas a Feira de Ceilândia Centro vende carne que fica exposta”, reclama Isaías, que diz que os comerciantes estão usando crachás e “correndo atrás dos coletes”, na feira que funciona

aos domingos, das 7h às 19h. O certo é que se o cliente exigir uma garantia da origem do produto, o feirante deve apresentar a nota fiscal. “Garantia para uma troca da mercadoria”, diz Marcelo Gomide, que propagandeia 33 produtos diferentes vendidos por seus associados.

O trio — administrador regional e representantes das feiras — considera os feirantes cadastrados um pessoal *sangue bom* e acredita estar resolvendo um problema da cidade. A administração entra com o terreno, as barracas e o policiamen-

to. E os feirantes com a responsabilidade da limpeza, vigilância, manutenção e alambrados da feira.

Tudo para levar a feira de volta à sua origem. Com o velho e romântico aspecto de pessoas trocando e vendendo produtos para sobreviver. “Pena que alguns esportinhos aproveitaram o espaço para negócios ilícitos. O certo é que não vamos regularizar a Feira do Rolo. O rolo não vai existir em Ceilândia.” Palavras de um administrador regional que, finalmente, resolveu encarar um velho problema de frente.